



# LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**DE QUE MODO OS MODELOS INTERNOS  
DINÂMICOS DO PAI TÊM REPERCUSSÕES NO  
ENVOLVIMENTO COM O SEU FILHO?**

RITA ANDREIA REIS MAIA

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Manuela Veríssimo

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Professora Doutora Manuela Veríssimo,  
apresentada no ISPA – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
Psicologia Clínica

## Agradecimentos

Esta dissertação é o culminar de uma etapa, uma das mais desafiantes da minha vida. Sozinha nunca teria sido possível chegar até aqui e não há palavras suficientes para agradecer todo o apoio e dedicação às pessoas especiais que estiveram ao meu lado nestes cinco anos.

Em primeiro lugar, queria agradecer à Professora Doutora Manuela Veríssimo, que acreditou em mim desde o primeiro momento e que, mesmo antes de ser oficialmente orientadora da minha dissertação, se disponibilizou para me ajudar em busca de algo que fosse do meu interesse. Agradeço-lhe o acompanhamento ao longo deste ano e a paciência para ouvir todas as minhas questões existenciais. Há palavras suas que levo para a vida.

A todos os pais e crianças que participaram no projecto longitudinal financiado pela FCT (PIHM/GC/0008/2008 e PTDC/MHC-PED/3929/2012), pela sua disponibilidade, compreensão e dedicação.

A todos os meus amigos que se cruzaram comigo ao longo destes anos. Às minhas colegas de dissertação por todas as partilhas e amizades, sem dúvida que aprendemos muito umas com as outras. Aos meus professores, principalmente aos que me desafiaram a pensar e a desenvolver um espírito crítico, pois são dos melhores ensinamentos.

Às minhas companheiras, à Tita e à Xana por todos os momentos de amizade, de experiências pessoais e profissionais. À Joana Sousa pela constante preocupação e apoio, por se tornar muito mais que uma colega de mestrado e me fazer chegar mais longe.

À Joana, por estes cinco anos indescritíveis, foram horas de psicologia misturada com medicina, obrigada pelo apoio, pelas horas em que divaguei e me ouviste até ao fim, pelos sorrisos e pelas lágrimas. És, sem dúvida, a irmã que nunca tive.

À minha família, pela constante preocupação e por estarem sempre presentes. Em especial aos meus pais, pois são os principais responsáveis por este sonho se ter realizado, sei que fizeram de tudo para me proporcionar este curso e que estiveram lá sempre que precisei. Um agradecimento especial à infância que me proporcionaram, pois se hoje tenho uma enorme curiosidade sobre a infância e as relações parentais, deve-se ao amor que recebi durante todos estes anos.

A ti, André, por seres o meu porto seguro. Obrigada por todos os momentos que ouviste as minhas sucessivas associações de ideias e tentaste acompanhar mesmo sem perceberes nada de psicologia, por toda a compreensão nestes últimos tempos, por festejares as minhas conquistas e principalmente por me ajudares a desligar o “complicómetro” e a simplificar tudo.

## Resumo

Este estudo tem como objectivo perceber de que modo os modelos internos dinâmicos do pai têm repercussões no envolvimento com o seu filho, colmatando a lacuna existente na literatura. A amostra é constituída por 54 díades mãe/criança e pai/criança e as crianças têm, em média, 32.26 meses (DP=3.03). As famílias pertencem a um nível socio-económico médio/médio alto e todos os pais e mães trabalhavam fora de casa. Este estudo utilizou as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) para analisar os modelos internos dos pais e aplicou aos mesmos um questionário sobre o seu envolvimento com os seus filhos (Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006). Os resultados indicam que os pais que possuem um *script* de base segura nas narrativas Adulto/Criança, encontram-se mais envolvidos nos cuidados práticos prestados aos seus filhos, o que permite afirmar que as relações precoces estão a motivar um maior envolvimento nas actividades práticas comparativamente às relações que os adultos estabelecem actualmente.

**Palavras-chave:** *Script* de base-segura, modelos internos dinâmicos, vinculação, envolvimento paterno

## Abstract

This study aims to understand how the father's internal working models can cause repercussions in the involvement with his child, bridging the gap in the literature. The sample consists of 54 dyads mother/child and father/child and children have, on average, 32.26 months (SD=3.03). Families belong to a medium/medium high socio-economic level and all fathers and mothers work outside the home. This study used The "Narrative Assessment of Adult Attachment Representations" (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) to analyze the father's internal working models and applied to them a questionnaire about their involvement with their children (Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006). The results indicate that fathers who have a secure base script in the narratives Adult/Child, are more involved in practical care to their children, which allow us to affirm that early relationships are motivating a greater involvement in practical activities compared to current relationships that adults establish.

**Keywords:** Secure base script, internal working models, attachment, paternal involvement

## Índice

Introdução.....	7
Enquadramento Teórico.....	9
Os Modelos Internos Dinâmicos.....	9
Evolução do conceito Modelos Internos Dinâmicos.....	10
<i>Script</i> de base segura.....	12
Os Modelos Internos Dinâmicos na Idade Adulta.....	15
Estabilidade dos Modelos Internos Dinâmicos.....	16
Comunicação e Transmissão Intergeracional.....	18
Envolvimento Paterno.....	20
Investigação do envolvimento paterno.....	20
Evolução do envolvimento do pai.....	20
Preditores do envolvimento paterno.....	21
Relação Conjugal.....	22
Participação nas actividades parentais.....	23
Avaliação do envolvimento paterno.....	25
Componentes do envolvimento.....	26
União dos papéis parentais.....	27
Os <i>Scripts</i> de Base Segura e o Envolvimento Paterno.....	27
Objectivo e problema de investigação.....	28
Método.....	29
Participantes.....	29
Instrumentos.....	29
Procedimento.....	32
Resultados.....	34
Discussão.....	37
Referências Bibliográficas.....	43

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Correlação entre as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos.....	34
Tabela 2 - Valor compósito para as histórias Adulto/Criança e Adulto/Adulto.....	35
Tabela 3 - Correlação entre as variáveis socio-demográficas e os <i>scripts</i> de base segura.....	36
Tabela 4 - Correlação entre os <i>scripts</i> de base segura e as dimensões do envolvimento paterno.....	36

## Introdução

Nas últimas décadas, as transformações na economia, na política, na cultura e no domínio socio-demográfico foram responsáveis por certas mudanças ao nível familiar, nomeadamente na estrutura tradicional da família e no desempenho das figuras parentais (Lamb, 2004). O papel do pai tem vindo a modificar-se, tornando-se mais participativo na prestação de cuidados e mais atento às necessidades dos seus filhos, levando a que muitos investigadores se debrucem no impacto que a participação paterna tem na vida da criança (Cabrera et al. 2000).

Surge um novo conceito, a co-parentalidade, que deixa de parte a divisão baseada no género e procura uma partilha na prestação de cuidados e no apoio emocional que a criança necessita (Deutsch, 2001; Staudt & Wagner, 2008). Contudo, as discrepâncias ainda são visíveis, segundo um estudo de Monteiro e colaboradores (2008), na perspectiva das mães e dos pais, a mãe tem uma maior participação nos cuidados prestados à criança, enquanto o pai assume um papel de suporte.

A participação regular dos pais nas tarefas diárias da criança promove a organização dos comportamentos de base segura da criança relativamente à figura de vinculação, proporcionando a construção do modelo interno do *self* na relação. Os pais com comportamentos interactivos têm crianças com valores de segurança mais elevados, sendo que a própria experiência de interacção poderá aperfeiçoar a interpretação e a resposta do pai aos comportamentos da criança (Caldera, 2004). Os cuidados que o filho recebeu dos seus pais vão influenciar a construção dos seus modelos internos. Estes, ao serem formados, tendem a operar ao nível do inconsciente com tendência a permanecerem estáveis ao longo da vida, contudo são dinâmicos, isto é, passíveis de alteração (Bretherton & Munholland, 2008; Bowlby, 1973).

A introdução do conceito de modelos internos dinâmicos propiciou a análise do fenómeno de base segura ao longo da vida. Com os avanços na área da psicologia cognitiva, a investigação evoluiu da organização dos comportamentos para as representações da vinculação, permitindo perceber a natureza e organização das relações de base segura no contexto familiar. Um grande trabalho tem sido feito por parte dos investigadores a fim de construir e validar instrumentos que avaliem os modelos internos dinâmicos quantitativa e qualitativamente (Bretherton & Munholland, 2008).

Waters & Rodrigues-Doolabh (2001) criaram *As Narrativas da Vinculação em Adultos*, um instrumento que procura avaliar o conhecimento e acesso ao *script* de base segura nos adultos. Os pais com histórias pessoais marcadas por vinculações seguras conseguem

aceder a um *script* elaborado e adequado em situações relevantes para a vinculação. Quando um pai possui um *script* de base segura elaborado irá utilizar esse conhecimento implícito para organizar o seu comportamento, no contexto das interações de base segura, e é esperada uma maior sensibilidade face ao seu filho, respondendo de forma adequada às suas necessidades e conseqüentemente denotando-se um maior envolvimento. Por outro lado, os pais que não têm acesso a um *script* elaborado possuem uma dificuldade acrescida no fornecimento de uma base segura ao seu filho, o que leva a um menor envolvimento, que irá interferir na organização dos comportamentos de base segura dos seus filhos.

## Os Modelos Internos Dinâmicos

A teoria da vinculação é reconhecida como detentora do papel central no desenvolvimento humano, a qual apoia as relações interpessoais. Destaca a ligação estreita entre a saúde mental individual e a relação com a figura de vinculação, constituindo assim a base do desenvolvimento social, afectivo e cognitivo do indivíduo (Bowlby, 1981). Segundo a teoria de vinculação de Bowlby e de Ainsworth, o fenómeno de base segura, isto é, o funcionamento do sistema de controlo da vinculação ao longo do tempo, é fundamental para explorar diversos relacionamentos actuais e futuros (Waters & Cummings, 2000).

Com a evolução da Psicologia Cognitiva, a investigação na área da teoria da vinculação deixou de se basear exclusivamente na avaliação dos comportamentos, passando para o nível da representação (Bretherton & Munholland, 2008). Para Bowlby, o conceito de modelos internos dinâmicos constituiu uma visão sobre a representação mental, definidos como componentes do sistema de controlo de base segura e não como uma nova formulação para o substituir (Waters & Cummings, 2000). Com o intuito de explicar a relação entre vinculação, saúde mental e desenvolvimento, Bowlby (1981) definiu os modelos internos como componentes afectivos e cognitivos, que variam na extensão em que são acessíveis à consciência. Constituídos activamente pelo indivíduo, através da repetição das interacções estabelecidas com a(s) figura(s) cuidadora(s) e pela integração de experiências relacionais posteriores, formam representações mentais generalizadas e tendencialmente estáveis.

A partir da comunicação verbal e não-verbal que se estabelece com a(s) figura(s) vinculadora(s), são construídas e mantidas as representações de uma vinculação segura ou insegura (Bretherton & Munholland, 2008). Consequentemente, essas relações influenciam a construção e o desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos (Silva, et al., 2008). No início da infância, estes modelos operam essencialmente ao nível sensório-motor, sendo que, por volta dos três anos de idade, ocorre a reorganização do comportamento para um nível cada vez mais simbólico (Bretherton & Munholland, 2008). Os modelos internos dinâmicos do *self* e da figura cuidadora tornam-se cada vez mais complexos, passando a assumir a forma de uma parceria de objectivos corrigidos (Bowlby, 1971). Neste sentido, a criança vai desenvolvendo as suas capacidades de avaliação e compreensão dos estados mentais dos cuidadores e, consequentemente, procede à elaboração de expectativas sobre os atributos interactivos dos mesmos. Deste modo, toma consciência que estes são diferentes dos seus, embora possam ter influência nos comportamentos por si adoptados. Com base nas representações construídas, as crianças tornam-se aptas para operar internamente, adaptando

os seus comportamentos aos da(s) figura(s) de vinculação e tentando influenciar as acções dessa(s) figura(s), de modo a convergirem com as suas (Marvin & Britner, 2008).

Com o aumento da capacidade representacional, as crianças sentem-se protegidas pela(s) figura(s) de vinculação mesmo quando se encontram longe desta(s), permitindo um afastamento e, por conseguinte, a exploração do meio. Esta relação primária é utilizada como modelo de funcionamento interno, servindo de base para as restantes interacções. Em situações de incerteza, a criança procura a figura cuidadora como referência, observando-a, de modo a perceber se poderá partir para a exploração, sendo que, no caso de avaliar a situação como ameaçadora, esta será a sua fonte de segurança (Bretherton & Munholland, 2008). De acordo com Bowlby (1973), as relações primárias estabelecidas servem de referência para a criação de uma representação de si, algo que também foi verificado, quer no estudo de Cassidy (1988), como no estudo de Maia, Ferreira, Veríssimo, Santos e Shin (2008). Quando a figura de vinculação é sensível, possui a capacidade de interpretar as necessidades físicas e emocionais da criança e responde adequadamente, ao mesmo tempo que permite à criança uma autonomia na exploração, esta última vai construir um modelo da figura cuidadora como acessível e responsiva, adquirindo um modelo de *self* valorizado. Por sua vez, a possibilidade de construir modelos internos negativos do *self* e da figura cuidadora ocorrerá quando as necessidades da criança não forem satisfeitas, isto é, quando as respostas por parte dos cuidadores não forem adequadas, ocorrendo rejeição ou insensibilidade (Bowlby, 1973).

Os modelos internos dinâmicos ajudam a adaptação do sujeito ao meio, proporcionando a regulação, interpretação e predição dos pensamentos, dos sentimentos e dos comportamentos que se encontram relacionados com a díade (Bretherton & Munholland, 2008). Permitem uma reflexão sobre as relações passadas e futuras com a(s) figura(s) cuidadora(s), surgindo a possibilidade de criação de simulações internas da realidade e dos comportamentos, testando as alternativas de resposta e estimando as consequências prováveis. Desta forma, é possível uma exclusão de alternativas muito exigentes ou ineficazes, possibilitando a adopção de um comportamento mais adequado para os objectivos pretendidos (Bowlby, 1971).

### **Evolução do conceito Modelos Internos Dinâmicos**

Apesar de uma atitude íntegra em relação à psicanálise, Bowlby nunca teve uma posição submissa, o que é verificado pelo abandono de conceitos potencialmente ambíguos, cujo foco incidia em demasia no mundo interno do sujeito, o que acabava por não dar a relevância devida à realidade externa (Bretherton & Munholland, 2008). Em busca de uma

alternativa, Bowlby inspirou-se na noção de modelos mentais de Craik (1943), citado por Bretherton e Munholland (2008). Este psicólogo inglês, ligado à área de inteligência artificial, considerava ser possível os organismos possuírem maiores probabilidades de sobrevivência. Através da criação de um modelo interno da realidade externa, os organismos tinham a possibilidade de estimar as várias hipóteses, para um entendimento da melhor alternativa de acordo com os acontecimentos anteriores. Comparativamente à abordagem psicanalítica, esta ideia permite uma maior precisão descritiva, sendo vantajoso para os estudos empíricos. Do conceito proposto por Craik, Bowlby rejeitou certos termos e destacou essencialmente a componente dinâmica, uma vez que o sistema representacional dinâmico engloba as experiências anteriores de cada um e permite representar internamente as experiências futuras (Bretherton & Munholland, 2008). Bowlby (1981), tendo como referência Tulving e a sua teoria sobre a diferença entre os sistemas de memória, referiu que as memórias guardadas pelas crianças na interação com as figuras cuidadoras e as experiências que daí advêm possuem uma dupla natureza: por um lado, os comportamentos específicos de acontecimentos discretos são tendencialmente armazenados na memória episódica, enquanto por outro, a base dos modelos internos dinâmicos, isto é, as interações generalizadas entre o indivíduo e as figuras de vinculação, têm tendência a ser armazenados na memória semântica, quer seja de forma proporcional, analógica ou mista.

Mais tarde, Bretherton rejeitou a ideia proposta por Bowlby, de que os modelos internos dinâmicos são um conjunto de informação importante para a vinculação, armazenados na memória semântica ou na memória episódica. Assim, os modelos internos dinâmicos são definidos como redes de esquemas, inter-relacionados e organizados de forma hierárquica, variando entre uma grande proximidade às experiências reais e uma natureza geral e abstracta, estando alguns ao nível do inconsciente. O indivíduo obtém diversos dados que surgem da experiência real e estes são organizados de forma hierárquica. Num momento inicial, a informação fica retida na memória episódica e num nível superior, passando posteriormente por um processamento e síntese, inserindo-se, assim, em estruturas mais gerais. Desta forma, irá possuir estruturas esquemáticas com informações sobre si, expectativas das relações que estabelece com os outros e, por último, expectativas sobre o mundo (Bretherton e Munholland, 2008). A variedade e o imediatismo de experiências individuais podem levar a um melhor desenvolvimento dos esquemas. Assim, é de realçar que as crianças devem saber mais sobre os seus comportamentos, uma vez que são imediatamente acessíveis a si mesmo do que o(s) comportamento(s) do(s) cuidador(es). Neste seguimento, o conhecimento que a criança tem da sua idade, com quem partilha experiências mais contínuas

e imediatas, é muito superior a qualquer outra, uma vez que o comportamento apenas pode ser observado do exterior e de modo esporádico, além de exigir troca de perspectivas (Delius, Bovenschen & Spangler, 2008). As representações que a criança constrói relativamente à figura de vinculação reflectem o grau de confiança nas relações de intimidade e possibilitam a regulação do comportamento e das expectativas em relação a relacionamentos actuais e futuros (Bretherton, 1990, 1992).

### ***Script de base segura***

De acordo com o conceito de *script*, as representações de acontecimentos começam como altamente generalizadas e, progressivamente tornam-se mais elaboradas e complexas, o que, segundo Fivush (2006), poderá ser o que acontece com os modelos internos dinâmicos. A repetição de experiências semelhantes prevê, com maior ou menor intensidade, o que irá acontecer e mobiliza o *script* mais adequado. Assim, essas representações de acontecimentos generalizados, os *scripts*, podem ser particularmente úteis para identificar a estrutura dos modelos internalizados durante os relacionamentos. Concretamente, os modelos internos dinâmicos podem ser estruturados em torno das interacções que a criança estabelece com o cuidador (Bretherton & Munholland, 2008). A codificação das experiências passadas determina o modo como as próximas experiências semelhantes são descodificadas. Após ser estabelecido, o *script* de base segura irá apoiar as expectativas generalizadas sobre os relacionamentos íntimos, mesmo que em algum momento, um determinado parceiro não se comporte conforme o esperado. Isso não significa que os *scripts* não possam ser modificados ou que se formem outros, mas para que tal ocorra, é necessário um confronto sistemático com experiências desconfirmatórias (Bretherton e Munholland, 2008; Waters & Waters, 2006).

Com base no cognitivismo desenvolvimental e nas preocupações socio-pragmáticas, Nelson (1999) propõe um novo modelo teórico do desenvolvimento, que pretende evidenciar a capacidade das crianças em estruturar e desenvolver as situações do seu quotidiano, de modo a que a representação desse conhecimento lhes permita uma melhor organização a nível da interacção social e da actividade cognitiva. Segundo a autora, o conceito de *script* pode ser denominado por Representação Mental de Acontecimento e representa uma sequência de acções que ocorrem numa actividade limitada, onde o início e o fim se encontram definidos, situando-se, portanto, num determinado tempo e local. A título de exemplo, a autora menciona o pequeno-almoço de uma criança americana, em que este ocorre na cozinha e é a primeira coisa a ser feita depois de acordar. Como tal, pode considerar-se uma representação mental de acontecimento generalizado, uma vez que não se limita a um dia em particular, mas

a todos os dias com local e tempo específico. No entanto, a forma generalizada pode sofrer variações, imaginando que a hora de deitar da criança inclui a leitura de um livro de histórias, o livro a ser lido será diferente de noite para noite. Além disso, em algumas Representações Mentais de Acontecimentos, as acções podem ser trocadas dentro da mesma sequência, por outro lado, certas sequências são invariáveis sendo convencional ou casualmente determinadas. Nos estudos de Nelson (1999) sobre a organização da memória das crianças e dos adultos, foram destacadas categorias com base em eventos, isto é, os itens específicos podem ser agrupados numa só categoria. No exemplo anterior, do pequeno-almoço da criança americana, os alimentos específicos que consome nessa refeição são agrupados na memória dentro da mesma categoria. Isso revela que a base experiencial das estruturas cognitivas continua a desenvolver-se, transformando-se em linguagem adquirida. Nos primeiros anos, o conhecimento da criança restringe-se às suas vivências e contextos concretos, e progressivamente formam-se representações esquemáticas de acontecimentos, isto é, o conhecimento que emerge das suas experiências concretas acaba por se descontextualizar de forma progressiva, tornando-se aplicável a um enorme número de situações, algumas delas com uma estrutura idêntica à das situações vividas anteriormente. Assim, a representação de acontecimentos pode ser entendida como uma forma essencial na organização do conhecimento da criança que irá evoluir, tornando-se mais complexa, descentralizada e com uma maior integração (Matta, 1999; 2001). Bretherton (1990) foi a primeira a enunciar a relevância dos estudos de Nelson (1986), de Schank (1999) e outros que faziam referência a estruturas cognitivas mais duradouras que resumem pontos comuns na mesma classe de acontecimentos, por exemplo a personagem principal, a sequência de eventos, a resolução e o fim. Segundo Nelson (1999), a experiência de frequentar diversas vezes um restaurante resulta num *script* de restaurante (ver o menu, escolher a comida, comer, pagar e sair), comer corresponde ao objectivo geral e surge uma sequência de acções apropriadas ao contexto, que ocorrem naturalmente pela mesma ordem. Além disso, dentro de cada *script* surge uma variabilidade, permitindo agir de forma flexível e adaptada (e.g. na escolha da comida é possível optar por carne ou peixe, batata ou arroz, etc.) (Matta, 2001). Num nível de análise, os *scripts* são estáveis ao longo do tempo, especificando os elementos centrais de um acontecimento de forma consistente, como se verifica no exemplo descrito anteriormente. No entanto, num outro nível de análise, os *scripts* mudam substancialmente com a idade, com a experiência e, conseqüentemente, com mudanças ao nível do pensamento, da linguagem e da acção, tornando-se representações de acontecimentos mais elaboradas e flexíveis, conquistando um pensamento abstracto (Fivush, 2006; Nelson, 1999).

Devido à necessidade de tornar o estudo dos modelos internos dinâmicos mais específico, quer na análise da estrutura cognitiva, quer no seu impacto nas cognições, afectos e comportamentos, Harriet e Everett Waters (2006) têm tentado encontrar no conceito de *script* uma forma de compreender melhor o seu funcionamento, o que levou à criação da Teoria de *Script* de Base Segura. Partindo da definição de base segura proposta por Bowlby e Ainsworth, bem como da investigação observacional sobre o comportamento de base segura, os autores, seguindo a sugestão de Bretherton, propuseram que a história de um indivíduo de apoio de base segura é representado na memória como um *script* de base segura. Por um lado, se o suporte de base segura tem sido consistente e coerente, tanto na infância como na adolescência, o *script* deve ser completo, bem consolidado, e facilmente acessível em situações relevantes. No caso do suporte de base segura ser inconsistente, incompleta ou ineficaz, o *script* deve ser menos bem configurado e, possivelmente, menos acessível. Consequentemente, os indivíduos que não tiveram apoio de base segura consistente não vão organizar e consolidar um *script* de base segura, acabando por ter expectativas diferentes ou menos consistentes nas interações de base segura. Neste sentido, as interações que ocorrem durante os primeiros tempos com as figuras de vinculação têm tendência a organizar-se numa sequência estereotipada de acções que ocorrem num determinado tempo e espaço, funcionando como *scripts*, isto é, directrizes que orientam as acções. Assim sendo, estas experiências iniciais de vida acabam por formar uma estrutura de *script* causal-temporal em redor dos componentes de base segura (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001).

O conhecimento e o acesso aos *scripts* de base segura têm um contributo relevante na organização do equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração durante a infância, sendo a base dos modelos internos dinâmicos que emerge de forma posterior (Waters & Waters, 2006). Segundo Bowlby, o apoio de base segura no contexto das primeiras relações de vinculação acaba por ser generalizado. No caso de um apoio de base segura confiável e eficaz, o indivíduo irá criar a expectativa de uma figura cuidadora prestável que estará presente sempre que for necessário. Consequentemente, essa coerência na infância levará a um conhecimento desse *script* de base segura e a um acesso a este de forma imediata nas diferentes interações (Waters & Waters, 2006). Ao longo do tempo, os acontecimentos que permitem a formulação dos *scripts* tornam-se mais regulares, emergindo um conhecimento implícito, isto é, os *scripts* deixam de ser aplicados de um modo voluntário, passando a sua activação a ser involuntária (Nelson, 1986). Desta forma, a activação de um *script* faz com que as componentes perceptivas/cognitivas sejam mobilizadas, bem como a componente afectiva (Bretherton, 1985).

## Os Modelos Internos Dinâmicos na Idade Adulta

Com o intuito de propor uma nova visão das relações de vinculação na infância e na idade adulta, onde os comportamentos, as cognições e as emoções fossem integrados para uma melhor compreensão dos mesmos, John Bowlby baseou-se em diversas áreas epistemológicas, tais como a Etologia, a Cibernética, a Teoria dos Sistemas de Controlo, a Psicologia do Desenvolvimento, o Processamento da Informação, bem como em algumas ideias psicanalíticas (Bretherton, 1992).

Nos primeiros vinte anos de pesquisa sobre a vinculação, não existia nenhum modo de avaliar os modelos internos dinâmicos nos adultos, ocorrendo um foco quase exclusivo na infância, não sendo testadas as hipóteses sobre a importância das experiências precoces nas relações futuras (Waters & Waters, 2006). Os primeiros trabalhos sobre a vinculação utilizaram como instrumento de avaliação a “Situação Estranha” de Mary Ainsworth, com incidência na relação da mãe com a criança. Este tinha como objectivo compreender a qualidade de vinculação, isto é, se a criança tinha internalizado a sua mãe como sensível, podendo esperar conforto e protecção, permitindo assim, uma boa exploração do meio ou, se, pelo contrário, tinha interiorizado uma mãe que não respondia às suas necessidades. Com este instrumento e durante vários anos, apenas era avaliada a relação da mãe com a criança, deixando de parte a relação da criança com o pai. Na transição do estudo do comportamento directamente observável para o estudo da representação mental, outras medidas de vinculação foram sendo desenvolvidas. Para crianças mais velhas, foi utilizado SAT - *Separation Anxiety Test*, ASCT - *Attachment Story Completion Tasks* e *Attachment Q-Sort*. Através destes instrumentos, é de esperar que as crianças com uma vinculação segura reproduzam narrativas com interacções mais positivas e, por conseguinte, a vinculação insegura deverá ser demonstrada por narrativas com interacções mais negativas (Oppenheim & Waters, 1995). Mais tarde, surge o AAI - *Adult Attachment Interview*, o primeiro instrumento que permite avaliar os modelos internos dinâmicos na idade adulta. Medir com sucesso o uso de base segura em adultos iria contribuir de forma considerável para a teoria da vinculação, ajudando na descoberta das origens e do funcionamento dos relacionamentos de maior proximidade na idade adulta (Waters & Cummings, 2000). Assim, este instrumento veio permitir avaliar as diferenças individuais dos adultos nas conceptualizações relativamente às relações precoces que estabeleceram com as figuras cuidadoras.

O *Adult Attachment Interview* tem influenciado o estudo da vinculação, uma vez que permite testar a hipótese de que a vinculação infantil é a base para os modelos internos de

vinculação na idade adulta. Com o intuito de comprovar esta premissa, Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albersheim (2000) utilizaram, nos seus estudos, a situação estranha e, vinte anos mais tarde, realizaram o *follow-up* através da utilização do AAI. Os seus resultados suportam a hipótese de Bowlby de que as diferenças individuais na vinculação podem ser significativamente estáveis ao longo da vida. Bowlby (1973) defendeu esta ideia, dando ênfase à influência das interações precoces nas relações estabelecidas ao longo da vida, principalmente aquelas em que se evidencia o fenómeno de base segura, como as relações conjugais e a parentalidade. O apoio das figuras cuidadoras também influencia a capacidade do sujeito desenvolver relacionamentos mutuamente satisfatórios com os seus pares, caracterizados pela procura e oferta de apoio emocional adequado (Furman & Simon, 2004; Zimmermann, 2004). É de salientar as especulações de Freud relativamente à semelhança dos relacionamentos em toda a extensão de vida. Apesar de não ser algo explicitado na teoria, é mencionado que a teoria da vinculação é importante ao longo da vida, bem como na noção da influência das relações precoces nas experiências posteriores de desenvolvimento (Waters & Cummings 2000).

### **Estabilidade dos Modelos Internos Dinâmicos**

Com o conhecimento de novas pessoas e, conseqüentemente, o estabelecimento de novas relações, é de esperar que as representações que a criança possui continuem em evolução, formando modelos internos mais generalizados e abstractos do *self* e dos outros (Bowlby, 1973). No entanto, a qualidade da vinculação tende a estabilizar e a consolidar principalmente nos primeiros anos de vida com a repetição contínua de experiências, que passam a fazer parte da criança. Estas, ao serem formadas, têm tendência a operar de modo automático e inconsciente, sendo visível uma resistência à mudança, esperando-se uma estabilidade dos modelos internos dinâmicos ao longo da vida (Bretherton & Munholland, 2008; Collins & Read, 1994). Os modelos internos são representações das expectativas generalizadas com base nas relações precoces, e como tal, é esperado que alguns dos componentes dessas representações surjam desde as primeiras experiências e que estabilizem de modo a que o indivíduo consiga perceber o que lhe espera nas interações que constrói, respondendo de modo adequado (Fivush, 2006).

Apesar da estabilidade esperada dos modelos internos dinâmicos, estes não possuem um carácter determinista, estando disponíveis para a mudança e revisão, quer ao nível das experiências e relações estabelecidas, quer do desenvolvimento das competências dos indivíduos. Neste sentido, é de salientar a designação de dinâmicos, uma vez que os modelos

são passíveis de alteração, embora tenham tendência a permanecer estáveis (Bowlby, 1973). Estes modelos devem ser actualizados de acordo com as competências cognitivas, sociais e comunicativas, que vão sendo construídas ao longo dos primeiros anos de vida (Bretherton e Munholland, 2008). Desta forma, as mudanças que ocorrem podem ser de dois tipos: mudanças qualitativas ou mudanças quantitativas. As primeiras encontram-se relacionadas com a segurança/insegurança representacional, devido às interações estabelecidas com os outros que questionam as representações já existentes, ou às experiências significativas que necessitam de uma reorganização ao nível do comportamento, dos afectos e da cognição. Os modelos internos dinâmicos são construções activas que, apesar da sua existência inconsciente e a sua predisposição para a estabilidade, podem ser reorganizados ou actualizados com base em novas experiências (Bowlby, 1971). No que concerne às mudanças quantitativas, estas podem ocorrer em consequência de mudanças no desenvolvimento da complexidade e organização estrutural dos modelos internos dinâmicos (maior elaboração das capacidades cognitivas no decorrer do desenvolvimento e uma maior autonomia da criança relativamente à figura cuidadora) com o intuito de permitir um funcionamento adequado dos mesmos (Bretherton, 1991).

Quando os comportamentos parentais são repetidamente de abandono, não respondendo às necessidades da criança, podem ocorrer mudanças defensivas que resultam na necessidade de reconstrução do modelo interno, tanto em relação a si como à figura cuidadora. Contudo, perante a alteração do tipo de cuidados, há uma permeabilidade à mudança. Em alguns casos, depois de interiorizado por parte da criança uma relação de insegurança, surgem momentos em que a figura de vinculação pode tornar-se mais receptiva, acolhendo as necessidades da criança e, conseqüentemente, respondendo de forma adequada. Nesse momento, a criança revê os modelos que tinha construído, quer de si como dos pais, e reformula-os (Bretherton & Munholland, 2008). Algo semelhante pode ocorrer com determinadas crianças adoptadas que, inicialmente possuem modelos internos desintegrados, tanto de si como dos outros. Depois de todo o processo de adopção, possuem pais disponíveis e compreensivos, que lhe permitem a revisão dos seus modelos e, conseqüentemente, a criação de outros mais seguros (Steele, Hodges, Kaniuk & Steele, 2010). Denota-se que deve ser tido em conta que estas reconstruções positivas podem ser muito difíceis de alcançar, uma vez que provêm de uma relação de vinculação insegura (Bretherton & Munholland, 2008).

De acordo com Waters e Cummings (2000), as relações iniciais que a criança estabelece com os pais têm repercussões na idade adulta, influenciando as relações que vão sendo mantidas, como as de parentalidade e conjugalidade, existindo, assim, uma

continuidade. Relativamente ao parceiro conjugal, este substitui muitas vezes as figuras cuidadoras no que diz respeito à intensidade da relação, o que não significa o desaparecimento da relação com a figura de vinculação. A maioria dos adultos continua a estabelecer uma relação significativa com os progenitores, apesar destes se envolverem menos nas suas vidas (Ainsworth, 1989). Embora essa relação possa ser estável ao longo do tempo, a complexidade da relação e dos modelos internos dinâmicos pode alterar-se (Nelson, 1999).

### **Comunicação e Transmissão Intergeracional**

Bowlby (1973) desde cedo introduziu o tema transmissão intergeracional, imaginando dois processos através dos quais os modelos internos podem passar de pai para filho, quer das relações de vinculação segura como insegura. Neste sentido, estes processos dizem respeito à qualidade da interacção e à comunicação sobre a relação e as emoções, levando à transmissão dos padrões de interacção, de forma mais ou menos fiel, de uma geração para outra. A vinculação experienciada na infância tem repercussões nos cuidados prestados aos filhos, uma vez que há uma tendência em adoptar os mesmos comportamentos. A propensão inconsciente dos filhos se identificarem com os pais no que diz respeito aos cuidados parentais, leva à criação da hipótese de que um adulto que cresceu com uma vinculação segura irá ser mais sensível aos sinais comunicativos no contexto interactivo e responder de modo mais adequado. A sensibilidade, responsividade e acessibilidade por parte dos pais influencia a construção dos modelos internos da criança. Assim, a criança poderá construir, não só uma imagem positiva da figura cuidadora, bem como um modelo interno funcional, uma vez que se sentiu compreendida e valorizada (Bretherton & Munholland, 2008; Miljkovitch, Pierrehumbert, Bretherton & Halfon 2004).

Bowlby lançou as bases para o conceito de modelos internos dinâmicos na década de 1960, mas foi incapaz de aprofundar o conteúdo ou a organização dos mesmos (Fivush, 2006). Mais tarde, Waters e Waters (2006) sugerem que o *script* de base segura (aplicado quer ao contexto relacional adulto/criança, como adulto/adulto) contém diversos elementos, elaborados na seguinte sequência: ocorre uma interacção construtiva entre os membros da díade de vinculação; surge um obstáculo à continuação da interacção que causa angústia à criança; há uma oferta de ajuda, esta é detectada e a ajuda é fornecida; a ajuda é eficaz para superar a dificuldade e, conseqüentemente é sentida como reconfortante; e, por fim, a díade regressa ou inicia uma nova interacção construtiva. O *script* de base segura pode ser considerado como uma estrutura mental para o comportamento sensível. Segundo Coppola, Vaughn, Cassibba e Constantini (2006), existe uma correspondência entre a forma como uma

mãe representa um relacionamento de base segura e a forma como ela organiza o seu comportamento interativo com a criança. Em suma, a representação do *script* de vinculação é uma medida para as representações de vinculação dos adultos (difere entre vinculação segura e insegura), sendo que, quando a figura cuidadora possui um *script* de base segura, apresenta resultados mais positivos relativamente à parentalidade. Além disso, num estudo de Veríssimo e Salvaterra (2006), onde foram utilizadas narrativas, foi possível constatar que a transmissão de uma base segura entre gerações ocorre mesmo em crianças adoptadas, onde a informação genética não é compartilhada por descendência comum, afirmando que as interacções e trocas de aprendizagem entre a criança e a figura cuidadora não precisam de ocorrer desde o nascimento, daí que se possa inferir que a causa não é apenas genética. As mães adoptivas promovem diversas interacções positivas com a criança, aumentando a capacidade de estabelecer relações seguras. Este estudo vai ao encontro da ideia defendida por Bowlby e Ainsworth de que as representações de vinculação da mãe influenciam a qualidade de vinculação da criança. As mães que têm um acesso directo a um *script* de base segura, tendem a responder de forma mais adequada às necessidades da criança e o contrário também é verificado. As representações mentais utilizadas na regulação do comportamento sensível da mãe continuam a ser uma forte hipótese da teoria de vinculação (Coppola, et al. 2006).

A concordância dos *scripts* de base segura é um tema um pouco controverso e com pouca evidência empírica. Durante a infância, acredita-se que as crianças compreendem a sensibilidade quer por parte da mãe como do pai, acabando também por responder de maneira diferente no estabelecimento de relações seguras ou inseguras. Assim, Bowlby (1981) refere que a criança tanto pode estabelecer uma relação segura ou insegura com ambos os pais, ou então relações diferentes com cada um. No entanto, segundo Furman e Simon (2004), até à idade adulta, as representações (modelos internos) independentes dos pais têm tendência a unificar-se devido à aquisição de competências cognitivas que permitem uma reflexão sobre as relações de vinculação e, conseqüentemente, a integração das mesmas. Desta forma, além de ter tido relações seguras ou inseguras, internalizou-as, adquirindo um estado seguro ou inseguro (Main, 1999). No prolongamento desta ideia, GAO e Waters, (1998) referem que o casal tem uma tendência significativa para se organizar pelo mesmo sistema de controlo de base segura sem esquecer as influências das suas representações de vinculação e das relações que estabeleceram com os outros ao longo da vida.

## **Envolvimento Paterno**

### **Investigação do envolvimento paterno**

Ao longo dos tempos, surgiram diversas pesquisas e estudos sobre as relações precoces, sendo que a maioria debruçou-se quase em exclusivo no desenvolvimento das relações da díade mãe-criança. A teoria da vinculação não foi exceção, no entanto, o conceito de princípio monotrópico proferido por Bowlby foi controverso. Muitos não o entenderam e consideraram que a criança apenas se vinculava de forma exclusiva a um único indivíduo, ou seja, à mãe biológica. Mas não era o que Bowlby tinha em mente, pois, segundo o autor, normalmente a criança considera como figura de vinculação um dos pais ou até mesmo outra figura cuidadora. Não é o género ou o tempo que o indivíduo passa com a criança que o torna na figura de vinculação, mas a sua capacidade de responder às necessidades da mesma (Bretherton, Lambert, & Golby, 2005).

A retirada do papel de exclusividade à mãe e a possibilidade da criança poder estabelecer uma relação de vinculação com qualquer um dos pais inspirou vários investigadores a estenderem o estudo da vinculação também ao pai. Coincidindo com uma época de transformações sociais relativamente ao papel do pai na família, as pesquisas nesta área sofreram um aumento significativo (Bretherton, et al., 2005; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004). Embora a parentalidade seja estudada a partir de uma diversidade de perspectivas, um dos maiores desafios continua a ser a escassez de definições e teorias consensuais relativamente à investigação nesta área (Brown, McBride, Shin, Bost, 2007). Um dos principais autores que se debruçou sobre o tema foi Michael Lamb, através de comparações do envolvimento da criança à mãe e ao pai, quer em contexto real como laboratorial, demonstrando uma maior união entre os papéis parentais (Lamb, 2010).

### **Evolução do envolvimento do pai**

Nas últimas décadas, ocorreram diversas transformações na economia, na política, na cultura e no domínio socio-demográfico, tendo implicações a nível familiar. Nomeadamente, houve mudanças na estrutura tradicional da família e nas expectativas dos papéis desempenhados pelas figuras parentais (Lamb, 2010; Pleck & Masciadrelli, 2010). Durante muito tempo, a figura masculina foi associada ao trabalho de forma exclusiva. Contudo, com a emancipação da mulher no mundo do trabalho, esta função passou a estar repartida (Levy & Gomes, 2008). A mulher tem alterado o seu papel, assumindo presentemente responsabilidades familiares e profissionais e, consequentemente, o homem começou a

colaborar nos trabalhos domésticos e nos cuidados com os filhos. Não só a mulher invadiu o espaço público, como o homem se virou para o ambiente privado com funções anteriormente exclusivas da mulher (Deutsch, 2001).

Perante todas as transformações supracitadas surge um novo conceito, a co-parentalidade, que vem contrapor a parentalidade tradicional. Este é, sem dúvida, um modelo mais equilibrado, tendo como base a partilha de todas as actividades entre o casal, incluindo os cuidados com a criança. A parentalidade acaba por influenciar todos os contextos em que cada um dos pais se encontra inserido, até nas escolhas profissionais é tida em conta esta partilha (Deutsch, 2001).

O indivíduo encontra-se inserido na sociedade e mesmo sendo pai, tem um conjunto de outros papéis a si associados, tais como, companheiro, cuidador, marido, protector, modelo, guia moral, professor e chefe de família. A importância relativa de cada um dos papéis varia consoante a época histórica e a cultura em que o homem se encontra inserido. Só ao realizar uma avaliação desses parâmetros é possível perceber o impacto que estes têm no desenvolvimento da criança. As influências paternas positivas são mais prováveis de ocorrer, não só quando há apoio na relação pai-filho, como também entre parceiros e noutros contextos familiares. Na vida quotidiana, os papéis que o indivíduo desempenha não se encontram tão diferenciados uns dos outros como muitas vezes é referido. Cada função, quer seja de figura cuidadora, como de agente de socialização e/ou companheiro, pode ser exercida em vários contextos e de forma diferente entre a mãe e o pai (Bretherton, et al., 2005; Lamb, 2010). Os autores Cabrera, Fitzgerald, Bradley e Roggman (2007) criaram um modelo para entender a influência paterna nas mudanças que ocorrem ao longo da vida da criança. Concluíram que os dois sistemas de parentalidade, o da mãe e o do pai, podem coexistir como sistemas complementares, onde os pais podem envolver-se com os seus filhos de maneira diferente das mães.

### **Preditores do envolvimento paterno**

O papel do pai pode ser influenciado por diversos factores, tais como a sua história de vida, incluindo as interacções sociais e, principalmente, as relações que o sujeito estabeleceu com os seus pais; a cultura; as suas características individuais, entre elas a idade, o emprego e a educação, bem como as atitudes, a motivação e a personalidade; as características da mãe; as expectativas das pessoas mais significativas; os factores contextuais, como a relação pai-mãe, a economia, a organização familiar, as conexões com a comunidade, o trabalho e a actividade religiosa; e as características da criança, nomeadamente a idade, o sexo, o

temperamento, entre outras. Contudo, é de salientar que o mais relevante é o modo como cada indivíduo se define no papel de pai e se as suas expectativas correspondem ao seu real desempenho. Neste sentido, a forma como cada pai se encontra inserido nos diferentes contextos, as ligações que estabelece com diferentes pessoas e organizações são susceptíveis de interagir com estes preditores, influenciando, assim, o modo como estão envolvidos com os seus filhos (Cabrera, et al., 2007; Habib, 2012).

A reflexão sobre a própria infância é comum, podendo surgir momentos de reavaliação das relações estabelecidas com os progenitores. Desta forma, o papel de pai que o indivíduo irá construir incluirá, não só as suas características individuais, como características do seu próprio pai. Quando o homem é confrontado com as lembranças da sua infância, especificamente com o papel do progenitor, os aspectos positivos são os mais salientados e o desejo de os conseguir replicar é referido, assim como a não repetição dos erros cometidos (Gabriel & Garcia Dias, 2011). Apesar de vários estudos afirmarem o oposto, Bjørnholt (2010) refere que os padrões estabelecidos numa geração não são necessariamente transmitidos para a geração seguinte. Com estes resultados é possível contrapor a ideia de que a participação equitativa do casal nas tarefas relacionadas com a criança tenha um efeito duradouro sobre as futuras relações de género. Consequentemente, quando o indivíduo constituir família poderá não replicar as suas vivências primárias.

### **Relação Conjugal**

A relação familiar é, sem dúvida, uma das principais influências do envolvimento paterno. Uma boa relação entre o casal permite um maior envolvimento do pai, por outro lado, uma má relação conjugal leva a um menor envolvimento (Lewis & Lamb, 2003). Bretherton e colaboradores (2005) vão mais longe, mencionando uma influência bidireccional, isto é, uma boa relação conjugal promove um bom envolvimento paterno, assim como um envolvimento positivo do pai conduz a uma boa relação conjugal. Contudo, é de referir que pode variar de acordo com a ecologia família e a atitude dos pais. Estes influenciam o desenvolvimento dos seus filhos, de forma directa e indirecta, através da relação que estabelecem com os outros e das circunstâncias sociais (Lamb, 2010). A participação activa do pai nos cuidados do filho leva ao aumento da satisfação da mãe em relação ao seu parceiro, ocorrendo, desta forma, uma influência positiva na criança (Brennan, Barnett & Gareis, 2001). Os sentimentos de competência e a percepção de apoio estão relacionados com a motivação e, consequentemente, com o envolvimento. O indivíduo acaba por se sentir mais competente no seu papel de pai, quando a sua parceira lhe comunica que ele

é um bom pai (Bouchard, Lee, Asgary & Pelletier, 2007). Quando não há concordância entre o casal, relativamente aos assuntos do filho e à gestão do dia-a-dia, a relação familiar será afectada, podendo influenciar o desenvolvimento socio-emocional da criança (Pimenta, Veríssimo, Monteiro, Pessoa e Costa, 2010).

### **Participação nas actividades parentais**

Na sua maioria, os pais envolvem-se em diversas actividades relacionadas com os seus filhos por as valorizarem, e não por se sentirem coagidos a fazê-lo. O indivíduo enquanto pai acaba por se sentir mais motivado em participar em actividades que se sente mais competente. De acordo com o estudo de Bouchard e colaboradores (2007), é possível afirmar que os pais têm uma menor capacidade para os cuidados físicos e, por conseguinte, sentem-se menos motivados para a realização dessas actividades, comparativamente a outras. Assim, têm uma participação mais activa nas necessidades emocionais e educacionais da criança, nomeadamente na brincadeira. Bowlby (1971) considerou o papel de companheiro de brincadeira e o papel de cuidador como diferentes, mas compatíveis. O estilo de brincadeiras adoptadas pelo pai prevê o desenvolvimento socio-emocional da criança, enquanto o envolvimento paterno parece prever adultos mais ajustados do que o envolvimento materno (Lewis & Lamb, 2003). Os pais envolvem-se mais nas brincadeiras, sendo este envolvimento mais intenso quanto maior as suas habilitações literárias e, conseqüentemente, maior o valor de segurança da criança relativamente ao seu pai (Pimenta, et al. 2010; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). Por outro lado, quanto menor a escolaridade das mães, menor será a participação dos pais nas actividades indirectas (Pimenta, et al., 2010). O tempo que os pais despendem com as crianças é na sua maioria inferior ao tempo que as mães estão com os mesmos, acabando por se encontrarem menos familiarizados com as competências linguísticas do seu filho. Como tal, adoptam uma linguagem mais complexa, que permitirá desafiar as habilidades linguísticas e pragmáticas da criança, facilitando a sua adaptação às interacções sociais (Lamb, 2010).

De acordo com o estudo de Monteiro e colaboradores (2008) na população portuguesa, a mulher ainda possui uma maior responsabilidade nas tarefas ligadas aos cuidados da criança, assumindo o pai um papel mais de suporte. No que concerne às brincadeiras, a participação é equilibrada entre os pais. De acordo com a percepção da mãe, o pai encontra-se mais envolvido nas áreas de lazer, da brincadeira e da disciplina, quando esta trabalha um maior número de horas (Pimenta, et al., 2010). No entanto, outros estudos contrapõem esta ideia, referindo que os pais portugueses têm uma participação activa, não só nas actividades

de brincadeira, como também nos cuidados directos. Estamos perante um novo ideal, em que o pai abandona o seu papel tradicional de companheiro de brincadeira e o estereótipo de suporte financeiro, ocorrendo uma partilha equitativa entre o casal nos cuidados prestados à criança (Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Torres, e Vaughn 2010).

Sem dúvida que a partilha equitativa nas actividades de brincadeira é desejada pela mãe. No que toca à prestação de cuidados directos à criança, os resultados caminham nesse sentido, embora ainda com valores inferiores (Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges e Monteiro, 2011). Uma das justificações lançadas para o desfasamento ainda existente em determinadas tarefas, diz respeito às mães ainda pouco convencidas em deixar o seu papel exclusivo de cuidadoras, agindo como *gatekeepers*, responsabilizando-se pela maioria das actividades relacionadas com a criança e gerindo o papel desempenhado pelo cônjuge (Brown, et al., 2007).

Embora os pais não se encontrem tão ligados às áreas dos cuidados directos e indirectos, não significa que exista um distanciamento emocional face à criança. O envolvimento nessas áreas em específico está presente, embora seja menos intenso (Pimenta, et al., 2010). Os pais apresentam uma maior proximidade física e psicológica com os seus filhos em casos de doença, medo ou tristeza. Certas actividades também foram mencionadas como propícias à aproximação, tais como as conversas no carro, a despedida matinal, a hora de dormir, bem como a visualização de desenhos animados, permitindo, desta forma, um aconchego e um momento onde as crianças se sentam ao colo do pai e se envolvem nos seus braços, expressando afecto. A intensidade da aproximação da díade é proporcional aos cuidados que a criança experiencia no quotidiano. Os pais ficam muito satisfeitos com os afectos espontâneos por parte dos filhos, isto é, aqueles que ocorrem sem nenhum motivo específico (Bretherton, et al., 2005). Os comportamentos da criança são, na sua maioria, valorizados pelo pai, quer seja para com este, quer para com um outro membro da família, ou até mesmo com um animal de estimação. O comportamento empático dos filhos é valorizado, independentemente de a criança ser do género feminino ou masculino (Bretherton, et al., 2005). Por outro lado, as crianças também não demonstram qualquer preferência por um dos pais perante um processo de separação-união, ou em situações de maior aflição. A qualidade das relações pai-filho é mais importante do que a masculinidade do pai. O aconchego paterno ou a proximidade são aspectos benéficos, enquanto a masculinidade, na maioria dos estudos, é considerada irrelevante. Os pais apreciam a interacção cara a cara com os seus filhos e incentivam-nos a explorar, servindo também como protectores. É de referir ainda que se sentem valorizados quando são capazes de tranquilizar e reconfortar as crianças (Lamb, 2010;

Bretherton, et al., 2005). Relativamente aos aspectos negativos, os pais salientam a frustração quando se sentem incapazes de acalmar os seus filhos ou de conseguir que estes cooperem nas actividades diárias, provocando sentimentos negativos em si mesmos. Com a chegada de um filho, há uma diminuição de tempo disponível para dedicar às suas próprias actividades, o que acaba por também ser sentido como um aspecto negativo para alguns pais (Bretherton, et al., 2005).

### **Avaliação do envolvimento paterno**

O ser humano encontra-se inserido em diversos contextos e deve ser visto como parte integrante de sistemas sociais complexos, nomeadamente a família, onde influencia e é influenciado de forma directa ou indirecta. Assim, surge uma dificuldade acrescida na avaliação do impacto que um pai tem no desenvolvimento da criança, quer a nível conceptual, como a nível estatístico (Lamb, 2010; Cabrera, et al., 2007). Com o intuito de atenuar esta limitação, é averiguado não só a percepção que os pais têm do seu investimento no papel de pais como as crenças que a mãe possui sobre o papel do pai. Com a participação do casal, a credibilidade dos resultados aumenta, tornando, deste modo, os estudos mais realistas, uma vez que os pais têm tendência a relatar níveis mais elevados de envolvimento do que o mencionado pela sua parceira (McBride et al., 2005; Mikelson, 2008; Pleck, 2010). É de salientar que as medidas e as questões utilizadas na investigação referente ao envolvimento paterno devem ser específicas e distintas das que são utilizadas nos estudos relacionados com as mães (Cabrera et al., 2007; Lewis & Lamb, 2003).

Os métodos utilizados para entender o envolvimento paterno provavelmente têm de se ajustar ao momento em que se pretende perceber se o envolvimento exerce ou não influência na vida do sujeito. Neste sentido, a vinculação segura é um índice de qualidade do relacionamento entre pais e filhos, que se desenvolve na sua maioria em função do comportamento de parentalidade (Bowlby, 1971; Brown, et al., 2007). No entanto, este conceito apenas tem influência no envolvimento parental nos primeiros anos de vida, não podendo ser utilizado em crianças mais velhas e em adolescentes. Comparativamente à vinculação, a abordagem de estilo parental tem uma aplicabilidade mais abrangente ao longo do desenvolvimento infantil. Nomeadamente, a sua dimensão de controlo torna-se mais saliente na criação dos filhos quando estes se tornam mais velhos (Pleck, 2010).

## **Componentes do envolvimento**

O envolvimento paterno tem sido alvo de diversas perspectivas, sendo um dos quadros mais influente o de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985). Estes autores diferenciaram três componentes essenciais do envolvimento paterno. São eles, o *engagement* paterno, isto é, a interacção estabelecida com a criança nos diversos contextos; a acessibilidade, na perspectiva de uma atenção constante por parte do pai, de modo a responder às necessidades da criança sempre que necessário; e por último, a responsabilidade de cuidar da criança, de modo a que esta se sinta bem. Cada um destes componentes desempenha um importante papel no aumento da vinculação segura entre o pai e a criança (Brown, et al., 2007). As interacções entre a díade são fundamentais e a quantidade de tempo que os pais passam com as crianças acaba por ter uma menor relevância, comparativamente com o que é feito durante o tempo em que estão juntos (Bouchard, et al., 2007; Brown, et al., 2007; Lamb & Tamis- LeMonda, 2004). No caso de o pai demonstrar uma escassa emoção positiva, um controlo desadequado, quer por excesso ou por defeito, o envolvimento poderá ser prejudicial para uma vinculação segura entre o pai e a criança. Um contacto excessivo, com um pai que apresente estas características, poderá impedir a criança de senti-lo como uma fonte de segurança que proporciona a exploração do mundo (Brown, et al., 2007). Assim, é de realçar a importância de incluir os aspectos qualitativos no conceito de envolvimento paterno (Pleck & Masciadrelli, 2010).

Para muitos, uma das dimensões chave da qualidade da parentalidade é a sensibilidade, a qual corresponde à capacidade dos pais em responder de forma harmoniosa e consistente às necessidades dos seus filhos, principalmente nos primeiros anos de vida (Lamb, 2010; Pleck & Masciadrelli, 2010). A sensibilidade presente nas interacções da díade é responsável pela construção da confiança em si e nos outros, durante o período da adolescência (Grossmann, et al., 2002). Estudos indicam que não existem diferenças significativas entre os níveis de sensibilidade materna e paterna no primeiro ano de vida da criança. Contudo, o mesmo não se verifica nos anos seguintes, em que o pai apresenta uma menor sensibilidade, comparativamente à mãe (Lamb & Lewis, 2010; Lewis e Lamb, 2003). Os pais sensíveis fornecem não só segurança, conforto e protecção, como também uma base segura para a criança poder explorar, incentivando-a através da interacção lúdica. Assim, de acordo com a meta-análise de Van Ijzendoorn e De Wolff (1997), a sensibilidade paterna está associada de forma significativa à vinculação estabelecida com o filho. Em oposição, o estudo de Braungart-Rieker, Garwood, Powers, e Wang (2001) não encontrou associações significativas entre estas duas variáveis.

## **União dos papéis parentais**

Na maioria das investigações realizadas sobre a partilha de tarefas em relação à criança, os estudos apontam para actividades mais direccionadas para um ou para outro elemento do casal. Ao destacar as qualidades predominantes do pai e da mãe, pode-se promover visões estreitas dos papéis de cada um, deixando de perceber as semelhanças no sentido ou no nível de influência que os pais exercem nas suas crianças (Lamb, 2010). O interesse pelo envolvimento do pai no desenvolvimento da criança, bem como a sua influência no contexto familiar tem aumentado, provocando uma aproximação dos papéis paterno e materno na prestação dos cuidados diários e nas interações com os filhos (Monteiro, et al., 2010). Os pais são tão sensíveis e competentes como as mães, influenciando de modo equitativo o desenvolvimento dos filhos (Lamb, 2010; Monteiro, et al., 2008). A representação que o casal detém da participação nas actividades diárias também está em mudança, consentindo uma aproximação de papéis. No entanto, surgem alguns desfasamentos, no sentido em que os pais admiram e elogiam mais facilmente a parentalidade realizada pelas mães do que o contrário. As mães, na sua maioria, não elogiam as práticas parentais do parceiro (Bretherton, et al., 2005).

## **Os *Scripts* de Base Segura e o Envolvimento Paterno**

Tendo por base a teoria da vinculação, o envolvimento paterno promove o desenvolvimento da criança. Há evidências de que o envolvimento positivo, onde é visível o carinho, a sensibilidade e a capacidade de resposta às necessidades da criança, tem uma associação estatisticamente significativa com a vinculação da criança ao pai. Desta forma, a criança irá formar relações mais seguras e mais competentes a nível social (Afonso, et al., 2011; Brown, Mangelsdorf & Neff, 2012; Lamb & Lewis, 2010). Um envolvimento de qualidade por parte do pai poderá ser responsável pelo aumento da empatia e a aquisição de um maior locus interno. É visível uma diminuição de crenças estereotipadas em relação às diferenças entre géneros, uma vez que estes pais assumem papéis de género menos estereotipados, o que acaba por ser interiorizado pelas crianças (Lamb, et al., 1985).

Segundo Bowlby (1981), os pais, através dos cuidados que prestam aos seus filhos, transmitem as suas representações mentais, influenciadas pelas experiências de vinculação que vivenciaram, o que permite concluir a existência de um impacto das relações iniciais ao longo da vida. Com o intuito de avaliar as diferenças individuais no conhecimento e acesso ao *script* de base segura e após ter sido atingido com sucesso o nível das representações com a utilização do instrumento AAI (*Adult Attachment Interview*), torna-se essencial analisar a

estrutura cognitiva dos modelos internos e as suas consequências ao nível das cognições, afectos e comportamentos. Em resposta a esta necessidade, Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) criaram *As Narrativas da Vinculação em Adultos*, com o auxílio de palavras sugestivas que remetem para interacções entre Adulto/Criança e entre Adulto/Adulto relacionadas com a vinculação, pretendendo que o sujeito utilize o *script* de base segura para construir e organizar as suas narrativas. Se o indivíduo possuir um suporte de base segura consistente e coerente, ele irá construir um *script* elaborado, completo e de fácil acesso. Por outro lado, se o suporte de base segura for inconsistente ou ineficaz, provavelmente o oposto ocorrerá (Waters e Waters, 2006). Diversos estudos confirmaram que as representações das relações Adulto/Adulto e Adulto/Criança estão organizadas num *script* geral e abstracto tanto para as mães como para os pais (Coppola, et al. 2006; Veríssimo, Monteiro e Santos, 2006). As experiências iniciais não são apenas representadas por *scripts*. No entanto, estas estruturas são empiricamente acessíveis, têm características de funcionamento conhecidas e são adequadas para representar as interacções de vinculação (Waters, 2003).

Os efeitos do envolvimento paterno não são unidireccionais, pelo contrário, ocorre uma reciprocidade. Os pais não só exercem influência nos seus filhos, como também são influenciados por estes. O papel do pai é de extrema importância para o desenvolvimento da criança e tem repercussões ao longo de toda a vida. Contudo, não pode ser esquecido que quando as interacções dinâmicas ocorrem em tríade (mãe, pai e filho) possibilitam experiências ainda mais complexas e benéficas para o desenvolvimento da criança (Cabrera, et al., 2007).

### **Objectivo e problema de investigação**

Após uma extensa análise da literatura existente, denota-se uma lacuna ao nível de uma possível relação existente entre os modelos internos dinâmicos e o envolvimento paterno. Neste sentido, coloca-se o seguinte problema de investigação: De que modo os modelos internos dinâmicos do pai têm repercussões no envolvimento com o seu filho?

## Método

### Participantes

Neste estudo participaram 54 díades mãe/criança e pai/criança. As crianças tinham idades compreendidas entre os 29 e os 44 meses ( $M=32.26$ ,  $DP=3.03$ ), sendo 28 do sexo feminino e 26 do sexo masculino. Todas as crianças eram provenientes de famílias biparentais. A sua idade de entrada no Jardim-de-Infância variou entre os 3 e os 30 meses ( $M = 8.57$ ,  $DP = 6.55$ ), passando entre 2 a 10 horas/dia ( $M = 7.49$ ,  $DP= 1.52$ ) neste contexto. As mães tinham idades compreendidas entre os 26 e os 48 anos ( $M=34.99$ ,  $DP=4.19$ ) e os pais entre os 28 e os 63 anos ( $M=37.55$ ,  $DP=6.11$ ). As habilitações literárias das mães variaram entre os 7 e os 23 anos de escolaridade ( $M= 15.39$ ,  $DP=3.19$ ) e as do pai entre os 7 e os 23 anos ( $M=14.74$ ,  $DP=3.10$ ). As famílias pertenciam a um nível socio-económico médio/médio alto e todos os pais e mães trabalhavam fora de casa. Os participantes deste estudo fazem parte de um projecto longitudinal financiado pela FCT (PIHM/GC/0008/2008 e PTDC/MHC-PED/3929/2012) que visa analisar o desenvolvimento sócio-emocional infantil durante o período pré-escolar.

### Instrumentos

Para a realização do estudo recorreu-se à utilização dos seguintes instrumentos:

#### *Ficha de Identificação*

Foi solicitado o preenchimento de uma *Ficha de Identificação* (Veríssimo, s.d) que permite recolher dados referentes à idade da criança e dos pais, estado civil, habilitações literárias e trabalho dos pais, número de irmãos das crianças, respectivas idades e sexo, tipo de escola da criança, idade de entrada no infantário e número de horas diárias passadas nesse contexto.

*Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização* (Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006).

A *Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização* elaborada por (Monteiro et al., 2006) avalia o envolvimento parental como a participação na organização de diferentes actividades, relacionadas com as crianças, que ocorrem no contexto das vivências familiares. O questionário é composto por 17 itens,

distribuídos por duas dimensões: *Actividades Práticas*, composta por 11 itens (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17), relacionados com a organização e realização de cuidados à criança (e.g., “Quem fica em casa quando o seu filho está doente” ou “Quem dá banho ao seu filho”). A dimensão *Actividades Lúdicas* é constituída por 6 itens (8, 9, 10, 11, 12, 13), relacionados com a brincadeira e o lazer (e.g., “Quem lê histórias ao seu filho” ou “Quem leva o seu filho ao parque infantil”). As respostas dos participantes serão dadas numa escala de cinco pontos – (1) sempre a mãe, (2) mais frequentemente a mãe, (3) tanto a mãe como o pai, (4) mais frequentemente o pai, (5) sempre o pai. A participação é avaliada de modo comparativo com a outra figura parental, apenas para a criança alvo e não para todas as crianças do agregado familiar. Uma vez que não existe uma medida, *per si*, para o pai e para a mãe, o envolvimento da mãe (pai) é a porção de envolvimento que não é atribuída ao pai (mãe). O envolvimento é avaliado numa perspectiva relativa, ou seja, como é que as actividades são divididas ou partilhadas em relação à outra figura parental. Em termos psicométricos, o Alfa de *Cronbach* para as *Actividades Práticas*, na perspectiva das mães é de .68 e, na dos pais de .70; por outro lado nas *Actividades Lúdicas*, os Alfas são .84 e .70 para mães e pais, respectivamente. Estes valores indicam níveis aceitáveis de fiabilidade e encontram dentro dos valores apresentados por Monteiro *et al.* (2006).

*Narrativas de Representação de Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado)*

De modo a analisar o conhecimento e acesso ao *script* de base segura nos adultos, em contextos de rotina ou ansiogénicos foram desenvolvidas seis grupos de palavras para orientar as narrativas (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Os dois primeiros, “A manhã do bebé” e “No consultório médico”, referem-se explicitamente às interacções Adulto/Criança, por outro lado, “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana” envolvem as interacções Adulto/Adulto (casal). Surgem dois cenários adicionais baseados em actividades familiares, “O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”, que são considerados neutros, uma vez que não são relevantes para o fenómeno de base segura (Waters & Waters, 2006). Quando o instrumento é aplicado ao pai nas histórias Adulto/Criança, a palavra mãe é substituída por a palavra pai (Veríssimo *et al.*, 2006). As palavras sugestivas de cada história pretendem apenas referir uma hipótese de enquadramento para a elaboração da narrativa. Os indivíduos são livres de utilizar as palavras como pretenderem e, após serem apresentadas, têm dois minutos para rever as palavras e elaborar a história. Em todas as histórias, a primeira coluna de palavras sugere um possível cenário e alguns actores, a segunda revela conteúdos e

actividades, enquanto a última refere alguns modos de conclusão da história. As palavras são apenas sugestivas e não pretendem criar um modelo específico, o mesmo conjunto pode desencadear uma diversidade de histórias, todas bem elaboradas e utilizando um *script* de base segura (Waters & Waters, 2006).

As narrativas são cotadas numa escala de 7 pontos, indicando a extensão em que a narrativa se encontra organizada em torno do *script* de base segura e a sua riqueza/detalhe relativa à relação entre as personagens da história. Um valor global sintetiza tanto a presença como a qualidade do *script* para cada uma das narrativas. Os valores inferiores a 4 indicam a ausência geral do *script* de base segura. Os valores mais baixos (1-2) são reservados para histórias em que, não só há ausência do *script*, como também se verifica a existência de conteúdos bizarros (e.g. a criança que se magoou tranquiliza o pai, que está transtornado com a ferida). Os valores de 4 ou acima na escala de 7 pontos indicam a presença do *script* de base segura. Os valores mais elevados são atribuídos quando o *script* é elaborado, revela conhecimento e sensibilidade face ao estado emocional do outro, reformula o significado do obstáculo/conflito de um modo favorável e/ou integra a interacção actual no contexto da relação entre os sujeitos (Waters & Waters, 2006). A média das quatro histórias com conteúdo de base segura indica o valor *script* de base segura para cada sujeito. As duas histórias neutras são, também, cotadas utilizando a escala de 1-7, com base nos *scripts* referentes a um passeio no parque e a uma tarde nas compras, embora não sejam contabilizadas.

De modo a obter um conteúdo espontâneo, as histórias são sempre gravadas e os indivíduos nunca têm de as escrever, sendo posteriormente transcritas pelos investigadores. Este procedimento traz vantagens, uma vez que, ao escrever, o indivíduo tem tendência a editar os seus pensamentos mais do que quando fala. Além disso, este método permite minimizar as diferenças individuais dos estilos de escrita. Na cotação das Narrativas nem tudo deve ser considerado, como por exemplo, os detalhes relativos à linguagem (e.g., os tempos verbais ou as repetições) e a veracidade da história (uma vez que todas as histórias são fictícias), devendo evitar-se as inferências acerca dos estados mentais e das interpretações psicodinâmicas (Waters & Waters, 2006). O QI das mães, não se encontra significativamente correlacionado com os valores *script* de base segura, podendo-se afirmar, desta forma, que este método não avalia de modo significativo as competências verbais gerais dos sujeitos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Estes resultados são confirmados para adultos do sexo masculino (Elliot Tini, Fetten, & Sauders, 2003).

## **Procedimento**

O questionário socio-demográfico e a *Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização* (Monteiro et al., 2006) foram entregues a mães e pais em dois momentos distintos e preenchidos independentemente por estes, tendo sido devolvidos aos investigadores que realizaram as narrativas. Posteriormente ao preenchimento dos instrumentos, foi pedido à mãe/pai que acompanhasse um dos observadores a outra divisão da casa, de modo a realizar as narrativas enquanto o segundo observador brincava com a criança. Depois de se sentar em frente a uma mesa, o indivíduo foi informado sobre o procedimento através da utilização das instruções das palavras-sugestivas descritas por Waters e Waters (2006), com pequenas modificações, (por exemplo, os pais/mães foram informados que o objectivo do estudo consistia em perceber como é que as crianças aprendiam a construir as suas autobiografias, e se isso estava relacionado com o modo dos pais contarem as histórias). As mães e os pais responderam a seis conjuntos de palavras sugestivas, cada um com o título da narrativa a contar (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) e que foram apresentados, um de cada vez, por um investigador. Assim, para cada história é apresentado um conjunto de palavras organizadas em três colunas: na primeira, as palavras apresentadas sugerem um possível cenário e os actores iniciais; na segunda alguns conteúdos e actividades; e na última sugerem uma possível conclusão para a história. Foi pedido às mães/pais que lessem cada coluna de cima para baixo e da esquerda para a direita, de modo a terem uma ideia acerca de uma possível história a contar, sendo, no entanto, os pais livres de utilizarem as palavras como entendessem. Foram, ainda, informados que as histórias seriam gravadas e que, se assim o entendessem, poderiam parar de contar a história e reiniciá-la.

Apenas quatro histórias visam desencadear temas relacionados com a vinculação, sendo que duas se referem explicitamente a conteúdos da relação Adulto/Criança (A manhã do bebé; No consultório médico) e duas à temática Adulto/Adulto (O acampamento da Joana e do Pedro; O acidente da Susana). As restantes histórias (O passeio no parque; Uma ida às compras) remetem para interacções Adulto/Criança e Adulto/Adulto respectivamente, e são consideradas neutras. À medida que os conjuntos de palavras foram sendo apresentados, um por um, o investigador identificava o tema da história e se as personagens eram mãe/pai e criança, ou adultos. Estes foram apresentados em seis sequências diferentes, de modo a controlar possíveis efeitos de ordem. As três histórias relativas à interacção Adulto/Criança foram sempre apresentadas como um bloco e as referentes aos adultos como outro bloco, isto é, as mães/pais realizaram todas as três histórias de um bloco, antes de lhes ser apresentada uma história de outro bloco. A maioria dos pais realizou a tarefa em 15-20 minutos. As

histórias foram, posteriormente, transcritas de forma a serem cotadas, salientando-se que as histórias neutras não são contabilizadas. A cotação foi realizada por quatro investigadores, três deles realizaram um treino exaustivo com H. Waters na cotação das narrativas e o quarto foi treinado por um dos investigadores, utilizando as narrativas de H. Waters, até atingir valores de fiabilidade satisfatória. Os valores de correlação entre os investigadores para as narrativas da mãe (calculadas como correlações entre classes) variam entre .64 e .85, com cerca de 85% dos valores a situarem-se dentro de 1 ponto na escala de 1 – 7. Os valores *Spearman- Brown*, de fiabilidade para cada história, variam entre .82 e .93. Os valores de correlação entre os investigadores para as narrativas do pai (calculadas como correlações entre classes) variam entre .74 e .96, com cerca de 87% dos valores a situarem-se dentro de 1 ponto na escala de 1 – 7. Os valores *Spearman-Brown*, de fiabilidade para cada história, variam entre .85 e .95.

## Resultados

### Análise das Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos

Dois a três investigadores, que não tiveram acesso a qualquer tipo de informação sobre os participantes, leram e cotaram cada uma das histórias utilizando uma escala de 7 pontos definida por H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2004). As narrativas foram agrupadas de acordo com o seu tema (e.g. “A Manhã do Bebê”) e cada grupo foi cotado numa sessão diferente de modo a minimizar qualquer influência por parte dos investigadores. As narrativas são analisadas quanto à presença e qualidade do *script* de base segura, utilizando o instrumento de Waters e Rodrigues- Doolabh (2001), que define claramente a sua ligação ao fenómeno de base segura (Waters & Cummings, 2000). A validade interna do instrumento tem sido confirmada por diversos estudos (e.g., Rodrigues-Doolabh *et al.*, 2003; Vaughn *et al.*, 2007; Veríssimo *et al.*, 2006), apesar de ser um instrumento recente.

Analisaram-se as relações intra-histórias Adulto/Criança e Adulto/Adulto, utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*.

**Tabela 1**

Correlação entre as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos

	Manhã bebé	Médico	Acampamento	Acidente
Manhã bebé				
Médico	.597**			
Acampamento	.607**	.434**		
Acidente	.699**	.660**	.631**	

\*\*p<.01

Com o intuito de perceber o acesso ao *script* de base segura nos adultos, as narrativas foram agrupadas em dois grupos. As duas primeiras, “A manhã do bebé” e “No consultório médico”, referem-se explicitamente às interacções Adulto/Criança, por outro lado, as narrativas “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana” formam o segundo grupo direccionado para as interacções Adulto/Adulto.

Os valores apresentados, na Tabela 1, indicam uma correlação positiva e significativa intra-histórias Adulto/Criança, isto é, quanto mais elevados os valores das narrativas “No consultório médico”, maiores os valores das narrativas “A manhã do bebé”. A correlação intra-histórias Adulto/Adulto também é positiva e significativa, ou seja, quanto mais elevado os valores das narrativas “O acampamento da Joana e do Pedro”, maiores os valores das

narrativas “O acidente da Susana”. Assim, é possível afirmar que o instrumento possui uma boa validade interna.

## **Tabela 2**

Valor compósito para as histórias Adulto/Criança e Adulto/Adulto

	Min	Max	M	DP
Narrativas A/C	1.93	5.88	3.49	.95
Narrativas A/A	1.67	6.16	3.31	.92
Narrativas Todas	2.27	6.02	3.40	.88

Com base no Coeficiente de Correlação de *Pearson*, foi possível encontrar uma correlação positiva e significativa entre as narrativas Adulto/Criança e as narrativas Adulto/Adulto ( $r = .74$ ,  $p < .01$ ). Posteriormente foi necessário calcular o valor compósito para as narrativas Adulto/Criança, Adulto/Adulto e para as Narrativas Totais, o que permitiu afirmar que a maioria dos pais e das mães possuem um *script* de base segura, uma vez que a média de cada uma delas foi superior a 3 (Tabela 2) e a escala de cotação varia entre 1 e 7. Assim, os resultados apontam para a existência de um modelo único de Base Segura.

### **Concordância entre as representações parentais**

Considerou-se pertinente entender a percepção que o pai tem do seu envolvimento, bem como, as crenças por parte da mãe relativamente ao papel desempenhado pelo seu parceiro. Assim, analisando os resultados obtidos na *Escala de Envolvimento Parental* foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as respostas da mãe e do pai face às Actividades Práticas ( $r=.78$ ,  $p<.01$ ) e às Actividades Lúdicas ( $r=.79$ ,  $p<.01$ ), o que permite concluir que os pais não subvalorizam ou sobrevalorizam o seu envolvimento nas diferentes actividades.

### **Análise Descritiva**

Numa análise mais descritiva, procurou-se avaliar, através do Coeficiente de Correlação de *Pearson*, a relação entre as variáveis demográficas e os valores associados ao *script* de base segura e ao envolvimento paterno.

**Tabela 3**Correlação entre as variáveis socio-demográficas e os *scripts* de base segura

	Idm	Idp	Hlm	Hlp
Narrativas A/C	.10	.15	-.07	.10
Narrativas A/A	.09	.11	-.01	.13
Narrativas Todas	.10	.15	-.05	.13

Os valores apresentados, na Tabela 3, indicam a ausência de correlações significativas entre as diferentes variáveis socio-demográficas e os *scripts* de base segura.

No que concerne à relação entre as variáveis socio-demográficas e as dimensões do envolvimento parental, apenas foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as habilitações literárias do pai e os valores de participação nas Actividades Lúdicas ( $r = .27$ ,  $p < .05$ ). Os resultados demonstram que, quanto mais elevadas as habilitações literárias do pai, maior a sua participação nas actividades lúdicas.

### Os *Scripts* de Base Segura e o Envolvimento Paterno

As relações entre os valores dos *Scripts* de Base Segura e os valores de envolvimento nas Actividades Práticas e Lúdicas são analisadas utilizando o Coeficiente de Correlação de *Pearson*.

**Tabela 4**Correlação entre os *scripts* de base segura e as dimensões do envolvimento paterno

	Narrativas A/C	Narrativas A/A	Narrativas Todas
Práticos	.27*	.06	.11
Lúdicos	.08	.05	.02

\*  $p < .05$ 

Como se pode observar, na Tabela 4, os valores de participação nas Actividades Práticas correlacionam-se positiva e significativamente com o compósito Adulto/Criança. Assim, os pais que possuem um *script* de base segura nas narrativas Adulto/Criança, encontram-se mais envolvidos nos cuidados práticos prestados aos seus filhos.

## Discussão

A interação que a criança estabelece com a(s) figura(s) cuidadora(s) permite-lhe manter uma representação de vinculação segura ou insegura, influenciando a construção e o desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos. Após serem formados, os modelos internos têm tendência a operar ao nível do inconsciente, construindo representações mentais generalizadas e tendencialmente estáveis sobre o mundo, sobre si nesse mesmo mundo e sobre os outros significantes (Bretherton & Munholland, 2008; Bowlby, 1973).

Os modelos internos dinâmicos possibilitam a análise do fenómeno de base segura ao longo da vida, contribuindo para a teoria da vinculação (Waters & Waters, 2006). Neste estudo, utilizou-se as *Narrativas da Vinculação em Adultos* para avaliar o conhecimento e acesso ao *script* de base segura nos adultos, permitindo perceber a influência que as relações precoces têm no futuro. Durante os primeiros anos de vida, as relações que se estabelecem com as figuras de vinculação têm tendência a organizar-se numa sequência estereotipada de acções que ocorrem num determinado tempo e espaço, funcionando como *scripts*, isto é, directrizes que orientam as acções. Assim, na idade adulta, os pais acabam por transmitir, por meio dos cuidados que prestam aos seus filhos, as suas representações mentais que derivam das suas experiências de vinculação. Por conseguinte, um pai com um suporte de base segura consistente e coerente nos primeiros anos de vida irá possuir um *script* completo e bem consolidado, ao qual consegue aceder facilmente em situações relevantes para a vinculação. No caso dos pais com histórias pessoais marcadas por vinculações inseguras, dificilmente conseguem organizar e consolidar um *script* de base segura. Desta forma, as suas expectativas das interações de base segura são menos consistentes e o *script* será menos acessível, incluindo nas situações relacionadas com a parentalidade (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001).

Os resultados obtidos neste estudo indicam a existência de uma boa validade interna do instrumento das *Narrativas da Vinculação em Adultos*. A correlação intra-histórias obtida nas histórias Adulto/Criança e nas histórias Adulto/Adulto é significativa e positiva, à semelhança dos resultados apresentados nos estudos de Rodrigues-Doolabh e colaboradores (2003), Vaughn e colaboradores (2007) e Monteiro & Veríssimo (2010) numa amostra portuguesa. Após determinar a validade interna do instrumento, foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as narrativas Adulto/Criança e as narrativas Adulto/Adulto. Posteriormente, calculou-se o valor compósito para as narrativas Adulto/Criança, Adulto/Adulto e para as Narrativas Totais. Uma vez que a média de cada

uma delas foi superior a 3 e a escala de cotação varia entre 1 e 7, é possível afirmar que a maioria dos pais e das mães têm acesso a um *script* de base segura, à semelhança do que tem vindo a acontecer em estudos com pais portugueses (Monteiro & Veríssimo, 2010; Veríssimo et al., 2006), ou apenas com a mãe (Veríssimo et al., 2005), bem como em estudos internacionais (Coppola et al., 2006; Rodrigues-Doolabh et al., 2003; Vaughn et al., 2007). Estes resultados sugerem que, na maioria dos sujeitos, a qualidade do *script* será semelhante entre as narrativas (Adulto/Criança e Adulto/Adulto), o que evidencia a existência de um modelo único de Base Segura.

No presente estudo não foram encontradas associações significativas entre as variáveis sociodemográficas da mãe e do pai e os *scripts* de base segura. No que concerne à ausência de correlação entre as habilitações literárias e os *scripts* de base segura, estes resultados estão em conformidade com Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) que, ao criar o instrumento, pretendiam que as competências verbais do sujeito não fossem contabilizadas, impedindo que os adultos com mais habilitações literárias realizassem histórias com pontuações mais elevadas, obtendo, desta forma, uma melhor base segura. Além disso, as histórias são produzidas oralmente com o objectivo de por um lado, minimizar as diferenças no estilo de escrita e, por outro lado, diminuir a tendência em editar os pensamentos como comparativamente ao que acontece na escrita (Waters & Waters, 2006). Dando força a esta ideia, estes resultados são confirmados para uma amostra portuguesa de mães e pais (Monteiro & Veríssimo, 2010) e para adultos do sexo masculino (Elliot, Tini, Fetten, & Sauders, 2003). Contudo, Vaughn e colaboradores (2007) e Coppola e colaboradores (2006) encontraram correlações significativas entre as habilitações literárias dos sujeitos e os valores de *script* de base segura.

De acordo com os comportamentos de parentalidade, a criança irá desenvolver uma vinculação segura ou insegura. Quando consegue aceder aos *scripts* de base segura, ela acaba por regular os comportamentos de vinculação e de exploração, servindo de base para a posterior construção dos modelos internos dinâmicos (Brown, et al., 2007; Waters & Waters, 2006). As interacções que os pais estabelecem com os seus filhos influenciam os valores de segurança das crianças. Deste modo, quando os pais demonstram sensibilidade, ou seja, encontram-se envolvidos com os seus filhos, proporcionando comportamentos interactivos e respondendo de forma adequada, as crianças apresentam maiores níveis de segurança. É de realçar a importância da qualidade do envolvimento, onde os pais estão presentes e centrados na relação, embora possam ter a seu cargo uma tarefa secundária (Caldera, 2004; Craig, 2003; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2010). A pertinência do

envolvimento incide, essencialmente, nas características da interação da figura cuidadora com a criança. Segundo Lamb & Lewis (2010), o pai apresenta uma menor sensibilidade face à criança comparativamente à mãe. Na sua investigação, Braungart-Rieker, Garwood, Powers, e Wang (2001) não constataram uma relação significativa entre a sensibilidade paterna e a vinculação na díade. Porém, Van Ijzendoorn e De Wolff (1997) demonstraram resultados contraditórios, nos quais a sensibilidade se encontra associada à vinculação estabelecida com o filho.

Recentemente, o papel do pai tem sofrido alterações, levando a uma maior união entre os papéis parentais (Lamb, 2010). O pai tem aumentando os seus níveis de participação na prestação de cuidados, respondendo às necessidades das crianças de forma adequada. Como tal, considerou-se pertinente averiguar a percepção que o pai tem do seu investimento. Todavia, estudos demonstram que estes têm tendência a relatar níveis mais elevados do que aquilo que participam (Mikelson, 2008; Pleck, 2010). Com o intuito de aumentar a credibilidade desses resultados, pensou-se ser relevante envolver as mães na amostra deste estudo, a fim de perceber a percepção que estas têm face à participação dos pais. Assim, utilizou-se a *Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização* elaborada por Monteiro e colaboradores (2006) entendendo de que modo as actividades realizadas pelo pai são divididas ou partilhadas em relação à mãe. A participação do pai foi avaliada numa perspectiva relativa, no qual o envolvimento do pai (mãe) é a porção que não é atribuída à mãe (pai). A percepção que o pai tem do investimento no seu papel e o nível real de envolvimento paterno é moderado pelas crenças da mãe (McBride et al., 2005). Os resultados do presente estudo revelam uma concordância entre a mãe e o pai ao nível do envolvimento nas actividades práticas e também nas actividades lúdicas, permitindo alegar que os pais não subvalorizam ou sobrevalorizam o seu envolvimento nas diferentes actividades. Estes resultados corroboram as conclusões de Afonso e colaboradores (2011) e Monteiro e colaboradores (2008), que salientam a consciência real da participação paterna.

Os papéis de género têm sofrido alterações, nomeadamente ao nível da parentalidade. O pai começou a colaborar nas tarefas domésticas e nos cuidados prestados à criança, abandonando uma visão mais tradicional de elemento disciplinador ou de suporte financeiro. A mulher, por sua vez, deixou em exclusivo o papel de cuidadora da casa e dos filhos, assumindo, também, responsabilidades profissionais. Apesar de se estar perante um novo conceito, a co-parentalidade, as discrepâncias ainda são notórias: ao passo que a mãe participa mais activamente nos cuidados directos, o pai dedica-se mais às actividades lúdicas, algo que é sentido pelo casal (Deutsch, 2001; Monteiro et al, 2008; Staudt & Wagner, 2008). O modo

como os pais percebem o seu papel influencia as interações que estabelecem com o seu filho e, conseqüentemente, o envolvimento que têm com o mesmo. As actividades lúdicas, do ponto de vista social, estão mais relacionadas com pai, uma vez que este procura participar em situações que o façam sentir mais confiante (Lamb, 2010). Segundo Bouchard e colaboradores (2007), os pais encontram-se mais motivados nas interações lúdicas com os seus filhos por considerarem ter uma maior competência para esse tipo de actividades, comparativamente aos cuidados práticos.

Múltiplos estudos têm encontrado associações entre diversas variáveis socio-demográficas e o envolvimento por parte dos pais e das mães nas actividades lúdicas e práticas. Contudo, as análises realizadas neste estudo não encontram nenhuma relação entre o envolvimento e as habilitações literárias das mães, bem como as idades quer das mães, quer dos pais. Porém, é de realçar que, com o aumento da amostra deste estudo, resultaria uma correlação positiva e significativa da idade da mãe e do pai com o envolvimento nos cuidados práticos. No entanto, os resultados apenas sugerem que os pais com habilitações literárias superiores têm uma maior participação nas actividades lúdicas (Monteiro, et al. 2006; Monteiro, et al. 2010; Pimenta, et al. 2010). Assim, hipotetiza-se que os pais com maiores habilitações literárias têm uma melhor percepção dos benefícios que a brincadeira tem para a criança. O pai acaba por ganhar consciência que as actividades lúdicas contribuem para um maior envolvimento com o seu filho e, desta forma, promovem um melhor desenvolvimento socio-emocional da criança. A interacção entre a díade (pai-criança) permite a criação de um suporte afectivo caracterizado por uma forte ligação entre os dois. Salienta-se a importância deste envolvimento ser de qualidade, colocando um maior ênfase nas interações que estabelecem e não na quantidade de tempo que permanecem numa actividade conjunta. A sensibilidade paterna pode ser demonstrada através da interacção lúdica, onde o pai se encontra disponível para a relação, sendo capaz de fornecer à criança ajuda e conforto em caso de necessidade e, além disso, uma base segura que lhe permita explorar o meio à sua volta, colocando na criança uma maior consciência das suas acções. Segundo Monteiro e colaboradores (2006), os pais com um maior nível de escolaridade conseguem perceber as actividades lúdicas como uma estimulação para a criança, permitindo o desenvolvimento, por um lado, da sua criatividade e, por outro lado, das suas capacidades cognitivas e sociais.

O presente estudo teve como propósito fundamental perceber de que modo os modelos internos dinâmicos do pai têm repercussões no envolvimento com o seu filho. Os resultados demonstram que os pais que possuem um *script* de base segura nas narrativas Adulto/Criança encontram-se mais envolvidos nos cuidados práticos prestados aos seus filhos, o que permite

afirmar que as relações precoces estão a motivar um maior envolvimento nas actividades práticas comparativamente às relações que os adultos estabelecem actualmente. Durante as interacções estabelecidas entre o pai e a criança, a vinculação que o adulto vivenciou na infância encontra-se mais activa. Ao considerar-se a existência de um modelo único de base segura, não seria esperada uma correlação positiva e significativa entre as actividades práticas e as narrativas Adulto/Criança e, por outro lado, uma ausência de relação significativa entre as actividades práticas e as narrativas Adulto/Adulto. Não existe um consenso relativamente ao conceito de modelo único de base segura, no entanto, vários autores têm confirmado que as representações das relações Adulto/Criança e Adulto/Adulto se encontram organizadas num *script* geral e abstracto, para mães de várias nacionalidades (Coppola et al. 2006; Vaughn *et al.* 2007; Waters & Rodrigues-Doolabh; 2001). Posteriormente, foi realizado um novo estudo, que também confirmou os resultados anteriores, mas desta vez para mães e pais portugueses (Monteiro & Veríssimo, 2008). Estes estudos incluíram diversas culturas e etnias, e todos eles sugerem a existência de um modelo único de base segura, indo ao encontro da teoria da vinculação, que defende que os comportamentos de base segura são independentes da cultura (Bowlby, 1973).

Um dos primeiros resultados desta análise dá conta de uma correlação positiva e significativa entre as histórias Adulto/Criança e as histórias Adulto/Adulto, sugerindo a ideia de um modelo único. A fim de justificar a principal questão de investigação, ressalva-se que, nessa análise, a correlação obtida entre os dois tipos de narrativas foi significativa ( $r = .74$ ,  $p < .01$ ). No entanto, hipotetiza-se que, apesar da maioria dos sujeitos possuir um *script* de base segura, não é possível afirmar que isso aconteça com a totalidade da amostra e, conseqüentemente, pode pensar-se numa variabilidade entre indivíduos.

Por outro lado, o aparecimento de apenas uma correlação positiva e significativa entre o envolvimento nos cuidados práticos e as narrativas Adulto/Criança leva a uma segunda hipótese, em que se pensa que as relações actuais e as relações precoces do pai exercem uma influência diferente na relação que este estabelece com o filho. Neste caso, as relações que o indivíduo estabeleceu na infância têm uma maior influência e, conseqüentemente, motivam mais o envolvimento com a criança nas actividades práticas, enquanto as relações vividas na idade adulta encontram-se menos activas. Assim, apesar de se poder considerar a existência de um modelo único de base segura, como muitos estudos salientam, poderá acrescentar-se a possibilidade de coexistirem diferentes intensidades dentro do mesmo modelo.

No que concerne às limitações desta investigação, considera-se duas questões essenciais relativamente ao tipo de amostra. Em primeiro lugar, este estudo contém uma

amostra reduzida que, inevitavelmente, influencia os resultados. Em algumas situações, com uma amostra de maiores dimensões, os resultados ter-se-iam tornado significativos e, conseqüentemente, replicariam os dados de vários estudos. Outra forte limitação prende-se com uma amostra que inclui apenas as classes socio-económicas média e média alta, não caracterizando, deste modo, a generalidade das famílias portuguesas. Tendo em conta que uma das maiores lacunas deste estudo diz respeito à caracterização da amostra, considera-se pertinente que, em estudos futuros, se utilize uma amostra de maiores dimensões e com uma maior diversidade relativamente ao estatuto socio-económico, de modo a generalizar os resultados para a população portuguesa. Contudo, uma limitação salientada em muitos estudos é ultrapassada, uma vez que esta investigação não se baseia exclusivamente nos relatos do pai para avaliar o seu envolvimento e tem em conta a opinião da mãe.

Muitos progressos têm ocorrido ao nível da investigação da parentalidade, visto que as questões relacionadas com o papel do pai têm despertado interesse a alguns investigadores nos últimos anos. No entanto, muitos estudos ainda se baseiam no modelo materno, daí a pertinência desta investigação ao oferecer medidas pensadas não só para avaliar as questões relacionadas com o papel da mãe, mas também com o do pai. Ao mesmo tempo, pretende-se contribuir para o estudo da vinculação na idade adulta. O conceito de modelos internos dinâmicos tem desempenhado um importante papel na teoria da vinculação. Com a utilização das *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos*, é possível realizar uma análise ao nível da representação, mas sempre com a ideia que as representações de vinculação não se restringem apenas ao conhecimento e acesso de um *script* de base segura (Waters & Waters, 2006). Salienta-se que este instrumento ainda necessita de uma maior utilização para alcançar o sucesso da *Adult Attachment Interview*. No entanto, nos últimos anos têm sido realizados diversos estudos para aumentar a validade do instrumento das narrativas obtendo resultados promissores, nomeadamente a sua maior especificidade na análise relativamente à *Adult Attachment Interview*.

Por último, salienta-se que, mais do que fornecer respostas, este trabalho despertou o interesse para outras questões. Daí, considera-se essencial a realização de um maior número de estudos empíricos dentro deste tema, fundamentados numa teoria consistente. Tendo por base as novas pesquisas na área da representação mental, é necessário não esquecer a importância dos comportamentos de base segura, tendo sempre em mente que os modelos internos dinâmicos têm como principal função organizar o comportamento de acordo com a situação vivenciada.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Psicologia, Educação e Cultura, 11*(1), 43-60.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44*(4), 709-716.
- Bjørnholt, M. (2010). Like father, like son? The transmission of values, family practices, and work-family adaptations to sons of work-sharing men. *Fathering: A Journal Of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers, 8*(3), 276-299.
- Bouchard, G., Lee, C. M., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Fathers' Motivation for Involvement with Their Children: A Self-Determination Theory Perspective. *Fathering: A Journal Of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers, 5*(1), 25-41.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and loss: Attachment* (vol. 1). Harmandsworth: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation, anxiety, and anger* (vol. 2). Middlessex. Penguin Books.
- Bowlby, J. (1981). *Attachment and Loss: Loss, Sadness and Depression* (Vol. 3). Middlessex: Penguin Books.
- Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M. M., Powers, B. P., & Wang, X. (2001). Parental sensitivity, infant affect, and affect regulation: Predictors of later attachment. *Child Development, 72*, 252-270.
- Brennan, R. T., Barnett, R. C., & Gareis, K. C. (2001). When She Earns More Than He Does: A Longitudinal Study of Dual-Earner Couples. *Journal Of Marriage & Family, 63*(1), 168-182.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In: I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing Points of Attachment Theory and Research: Monographs of the Society for Research in Child Development*, (pp. 3-35).
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal, 11*(3), 237-252.

- Bretherton, I. (1991). Pouring new wine into old bottles: The social self as internal working model. In M.R. Gunnar & L.A. Sroufe (Eds.), *Self processes and development*, (pp. 1–41). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, *28*(5), 759-775.
- Bretherton, I., & Munholland, K. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In: J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*, (pp. 102-127). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I., Lambert, J. D., & Golby, B. (2005). Involved fathers of preschool children as seen by themselves and their wives: Accounts of attachment, socialization, and companionship. *Attachment & Human Development*, *7*(3), 229-251.
- Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., & Neff, C. (2012). Father involvement, paternal sensitivity, and father–child attachment security in the first 3 years. *Journal Of Family Psychology*, *26*(3), 421-430.
- Brown, G.; McBride, B; Shin, N.; Bost, K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering*, *5*(3).
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, *71*(1), 127-136.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Developmental Science*, *11*(4), 185-189.
- Caldera, Y. M. (2004). Paternal involvement and infant-father attachment: A Q-set study. *Fathering*, *2* (2), 191-210.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development*, *59*(1), 121-134.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In: K. Bartholomew, & D. Pearlman (Eds.), *Attachment Processes in Adulthood: Advances in Personal Relationships*, (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Costantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Associations with adult attachment

- Interview scales and with maternal sensitivity. *Attachment & Human Development*, 8(3), 209-219.
- Delius, A., Bovenschen, I., & Spangler, G. (2008). The inner working model as a “theory of attachment”: Development during the preschool years. *Attachment & Human Development*, 10(4), 395-414.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, 10(1), 25-28.
- Elliott, M., Tini, M., Fetten, E., & Saunders, A. (2003). *Attachment scripts in adult man and adolescent males*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Fivush, R. (2006). Scripting attachment: Generalized event representations and internal working models. *Attachment & Human Development*, 8(3), 283-289.
- Furman, W., & Simon, V. A. (2004). Concordance in attachment states of mind and styles with respect to fathers and mothers. *Developmental Psychology*, 40(6), 1239-1247.
- Gabriel, M. R., & Garcia Dias, A. C. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos De Psicologia*, 16(3), 253-261
- Gao & Waters (1998, Junhoc). *Secure Base Behavior And Attachment Security In Engaged Couples*. Poster apresentado no encontro da Sociedade Internacional para o Estudo das Relações Pessoais, Saratoga Springs, NY.
- Grossmann, K., et al. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers’ sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11(3), 307-331.
- Habib, C. (2012). The transition to fatherhood: A literature review exploring paternal involvement with identity theory. *Journal Of Family Studies*, 18(2-3), 103-120.
- Lamb, M. E. (2010). The role of the father: How do fathers Influence Children’s Development? Let me Count the Ways. In: M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, (5<sup>th</sup> Ed., pp. 1-26). Hoboken, New Jersey: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., & Tamis-Lemonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In: M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 1-31). New Jersey: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.

- Lamb, M. E.; Lewis, C. (2010). The development and significance of fathers-child relationships in two-parent families. In: M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, (5<sup>th</sup> Ed., pp. 94-153). Hoboken, New Jersey: John Wiley and Sons.
- Levy, L. & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 163-172.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parents families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A.J., & Shin, N. (2008). Auto conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3(26), 423-433.
- Main, M. (1999). Epilogue. Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In: J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, Research and Clinical Applications*, pp. 845–888. New York: Guilford Press.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (2008). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy, & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (2nd ed., pp. 269-294). New York, NY: The Guilford Press.
- Matta, I. (1999). A representação de experiências sociais enquanto mediadoras do processo de construção de significações. *Análise Psicológica*, 17 (1), 39-48.
- Matta, I. (2001). A criança pequena – A descoberta e a interpretação do Mundo. In: I. Matta(Ed.), *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- McBride, B. A., et al, (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54, 360-372.
- Mikelson, K. S. (2008). He Said, She Said: Comparing Mother and Father Reports of Father Involvement. *Journal Of Marriage And Family*, 70(3), 613-624.
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development*, 6, 305-325.
- Monteiro, L. & Veríssimo, M. (2010). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: F.C.T., Gulbenkian.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010) Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias bi-parentais. Associações com o que é

- desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(26), 395-409.
- Nelson, K. (1986). *Event knowledge: Structure and Function in Development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Nelson, K. (1999). Event representations, narrative development, and internal working methods. *Attachment & Human Development*, 1(3), 239-252.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111(2), 486-511.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. *Monographs Of The Society For Research In Child Development*, 60(2-3), 197-215.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., Pessoa & Costa, I. (2010). O envolvimento paterno em pais de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal Involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In: M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, (5<sup>th</sup> Ed., pp. 58-93). Hoboken, New Jersey: John Wiley and Sons.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2010). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In: M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, (5<sup>th</sup> Ed., pp. 222-271). Hoboken, New Jersey: John Wiley and Sons.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B., & Bost, K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26(3), 411-422.
- Staudt, A. C., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. Fatherhood in times of change. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.

- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., & Steele, H. (2010). Mental representation and change: Developing attachment relationships in an adoption context. *Psychoanalytic Inquiry, 30*(1), 25-40.
- Van Ijzendoorn, M. H., & De Wolff, M. S. (1997). In search of the absent father – meta-analyses of infant-father attachment: A rejoinder to our discussants. *Child Development, 68*, 604-609.
- Vaughn, B.E., et al. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three sociocultural groups. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 65-76.
- Veríssimo, M. (s.d.). Ficha de Identificação. Unpublished manuscript.
- Veríssimo, M., & Salvaterra, F. (2006). Maternal secure-base scripts and children's attachment security in an adopted sample. *Attachment & Human Development, 8*(3), 261-273.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*(1), 164-172.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001, April). Are attachment scripts the building blocks of attachment representations? Narrative assessment of representations and the AAI. In H. Waters, & E. Waters (Chairs), *Narrative Measures of Attachment for Adults*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*(3), 185-197.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal Of Experimental Child Psychology, 88*(1), 83-101.